

As escolas católicas no contexto da situação social, cultural e religiosa na Europa*

ELŻBIETA OSEWSKA

Cardeal Stefan Wyszyński Universidade de Varsóvia**

As religiões estão profundamente enraizadas num contexto cultural específico. As culturas, por sua vez, são fundamentalmente moldadas pelas tradições religiosas que inspiraram o seu desenvolvimento concreto. Para antropólogos, etnólogos, sociólogos e analistas da evolução cultural da civilização, este é um tema nuclear de intensa investigação. Esta investigação oferece os elementos mais valiosos para o entendimento da vida de uma nação ao longo de sua história, mesmo em áreas desconhecidas. Em referência ao título, é também de salientar que «a cultura» constitui um dos temas mais importantes nos projectos educacionais da União Europeia. Mais especifica se torna a referência à «cultura católica» e à cultura das escolas católicas,

* Tradução portuguesa do artigo precedente. Traduziu: Jorge Coutinho, com supervisão de M. Costa Santos.

** Elzbieta OSEWSKA, assessora técnica para a catequese no Centro de Ensino Lomza, professora de teologia, assistente de investigação na Universidade Cardeal Stefan Wyszyński de Varsóvia. É também docente no Seminário Maior e no Instituto Teológico em Lomza, na Universidade Católica de Leuven e no Centro Pastoral e Catequético «Lumen Vitae», em Bruxelas. Membro da Associação Europeia de Catequistas (CEE) e da Secção de Professores de Catequese na Polónia. Autora de publicações no campo da catequese, educação e ensino, bem como co-editora e co-autora de livros didácticos para o ensino religioso. Participante e organizadora de numerosas conferências e congressos de catequética na Polónia e no estrangeiro.

quando se fala em escolas católicas¹. Este último conceito de cultura refere-se a uma atitude especial da mente em face do ambiente cultural geral, a um estilo de vida particular e a um projecto estratégico de educação especial que visa alcançar resultados bem definidos.

O principal objectivo deste texto é o de fazer luz acerca da resposta das instituições católicas sobre a situação social, cultural e religiosa na Europa. E em particular, o de chamar a atenção para possíveis conflitos entre uma cultura de transformação dinâmica, por um lado, e as ambições em termos de educação «católica» numa sociedade moderna, por outro. O texto refere-se à situação real, e coloca questões para estimular a reflexão.

1. O contexto multicultural e multirreligioso da educação católica na Europa

A realidade multicultural na Europa não é um problema surgido em tempo recente. Contactos multiculturais são inerentes a todas as comunidades humanas, que interagem umas com as outras e partilham as suas tradições étnicas, culturais e religiosas, os seus interesses sociais, políticos e económicos e as suas ambições. De acordo com o *Atlas of European Values* (Atlas dos valores europeus) a Europa em torno do ano de 500 a. C., é considerada pela primeira vez como uma entidade cultural, como a Europa Mediterrânica. Por volta de 1300 existiu, pela primeira vez na sua história, uma Europa definível como unidade cultural homogénea, em cuja formação a Igreja tinha desempenhado um papel fundamental. A religião forneceu uma linguagem comum, o latim, e uma fonte comum de valores: as Sagradas Escrituras². Hoje, no entanto, a diversidade multicultural reclama muita atenção, porque é possível uma comunicação simultânea e global,

¹ Cf. J. SULLIVAN, *Catholic Education. Distinctive and Inclusive*, London 1998; *The Contemporary Catholic School: context, identity and diversity*, org. T. H. McLaughlin, J. O'Keefe, B. O'Keefe, London 1996; J. WAL, *Why Catholic Schools?*, London 1997; *Catholic School Leadership*, org. T. Hunt, T. Odolenski, T. Wallace, London – New York 2000; J. CONVEY, *Catholic Schools Make a Difference: twenty five years of research*, Washington 1992; J. DOBZANSKI, «The Catholic school: a catalyst for social transformation», *Catholic Education: A Journal of Inquiry and Practice* (2001) 4 (3), p. 319-334; M. FLYNN, *Catholic Schools and the Communication of Faith*, Sydney 1979; M. FLYNN, *Some Catholic Schools in Action*, Sydney 1975; M. FLYNN, *The Culture of Catholic Schools*, Homebush 1993; M. FLYNN, *The Effectiveness of Catholic Schools*, Homebush 1985; *Catholic Education Service, Evaluating the Distinctive Nature of Catholic School*, London 1999.

² Cf. L. HALMAN, R. LUIJKX, M. VAN ZUNDELT, *Atlas of European Values*, Tilburg 2005, p. 10-11.

associada a uma técnica conhecida como processo de «globalização»³. Por isso, é importante perceber o que está em jogo na situação actual.

Já no passado, o continente europeu foi sempre colocado perante uma realidade que era determinada pela diversidade das formas culturais e religiosas. Durante séculos, os europeus aprenderam a conviver com a diversidade de culturas e sensibilidades conflituantes. Não raro sobrevieram guerras, e foram testadas muitas estratégias para se chegar a um acordo com as múltiplas identidades culturais e religiosas. Houve um processo longo e complexo para encontrar o caminho para uma forma pacífica e construtiva de lidar com isto. Além disso, durante muitos séculos os europeus estiveram convencidos de que apenas a sua cultura representava a norma para qualquer outra cultura. Esta devia ser exportada para outros continentes. As outras pessoas deviam ser criadas e educadas segundo o modo europeu do pensamento, sendo, por isso, forçadas a absorver a cultura e até mesmo as línguas europeias. Os europeus só gradualmente e através de confrontos dolorosos aprenderam a reconhecer o valor singular de outras formas culturais. No entanto, continua hoje ainda a ser um desafio excitante aceitar que outras tradições culturais são uma mais-valia e que podem provocar mudanças bastante positivas⁴.

No século passado, a migração crescente de pessoas de países africanos e asiáticos para o rico continente europeu inverteu completamente a situação. A consciência crescente da importância de se respeitarem os direitos humanos e de que todas as pessoas independentemente da sua origem étnica e das suas tradições culturais e religiosas devem ser reconhecidas como de igual valor, tem forçado os governos europeus a adaptarem as suas instituições a esta nova diversidade cultural e religiosa. A UE não quer apenas abolir a distância entre as diferentes «culturas europeias» e conduzi-las em conjunto para um espaço multicultural aberto⁵. Simultaneamente, ela convida ao intercâmbio com as culturas e sociedades fora da União Europeia, considerando o ‘velho continente’ como um quadro para integrar «os outros». Isto representa um

³ Cf. M. GOLKA, *Cywilizacja, Europa, globalizacja*, Poznań 1999; A. GWIAZDA, *Globalizacja i regionalizacja gospodarki światowej*, Toruń 2000; *Hermeneutics and Religious Education*, org. H. Lombaerts, D. Pollefeyt, Leuven-Paris-Dudley 2004; S. P. HUNTINGTON, *Zderzenie cywilizacji i nowy kształt ładu światowego*, Warszawa 1997; R. JACKSON, *Rethinking Religious Education and Plurality*, London-New York 2004; E. OSEWSKA, «L'educazione oggi in un'Europa diversificata», in: *Europa, scuola, religioni. Monoteismi e confessioni cristiane per una nuova cittadinanza europea*, org. F. Pajer, Torino 2005, p. 47-64.

⁴ Cf. H. LOMBAERTS, E. OSEWSKA, «Historical and Geo-Political reality of a United Europe», in: S. Gatt, H. Lombaerts, E. Osewska, A. Scerri, *Catholic Education, European and Maltese Perspectives. Church School's response to future challenges*, Floriana 2004, p. 27-43; G. DAVIE, *Europe: The Exceptional Case. Parameters of Faith in the Modern World*, London 2002.

⁵ Cf. EUROPEAN COMMISSION, «Culture», http://ec.europa.eu/culture/index_en.htm (18.05.2011).

desafio real, porque os europeus, no decurso da sua história, não quiseram desistir quer da harmonia económica e política, quer da harmonia cultural e religiosa⁶. No entanto, a Europa está a mover-se tão fortemente em direcção a um tipo diferente de realidade multicultural e multirreligiosa que o tema do multiculturalismo se refere principalmente aos contactos com as tradições não europeias e não cristãs.

Além da atenção que é dedicada à realidade multicultural, esta deve também ser considerada como uma das forças motrizes por detrás dos movimentos nacionalistas que actuam em prol do interesse das minorias, dos grupos «subalternos»⁷. O discurso recente de reconhecimento e de identidade vindo ao de cima nos últimos tempos é o resultado de uma longa evolução histórica dos padrões de pensamento e de comportamento filosóficos, éticos, teológicos e políticos dos seres humanos: desde o colapso da «honra» própria das hierarquias sociais – familiar aos peritos para uma ‘cultura’ católica enraizada ainda no «Ancien Régime» – passando pela emergência do novo conceito da (universal e igualitária) «dignidade», e pelo novo conceito de uma identidade individualizada, em direcção à autenticidade, que obedece a uma compreensão subjectiva da cultura moderna, até, finalmente, a uma consideração da vida humana em sua natureza fundamentalmente orientada para o diálogo. A pessoa humana espera agora ser reconhecida na sua identidade individual única, pela mesma razão que assiste também a todos os outros seres humanos, com os mesmos direitos para o desenvolvimento e emancipação no sentido mais amplo.

As religiões sempre tiveram um papel crucial na emergência de estados e nações e no desenvolvimento de identidades sociais nacionais e regionais. A pertença a uma religião particular, que foi influenciada pela região onde viviam, formou a geografia europeia das religiões: Irlanda, Polónia, Lituânia, Bélgica, Itália, Espanha e Croácia são predominantemente católicas; a Escócia é presbiteriana; a Inglaterra anglicana; a Sérvia, a Grécia e a Rússia são ortodoxas; a Suécia, a Dinamarca e a Letónia são protestantes; a Alemanha, a Suíça, a Hungria e a República Checa são católicos / protestantes; a Noruega e a Estónia são agnósticos; etc. Do ponto de vista histórico, a política e a religião andaram estreitamente ligadas na formação do continente europeu. Esta situação sugere que um território que já esteve associado a uma religião particular provavelmente nunca mudará, porque este acoplamento garante a estabilidade política, social e religiosa⁸.

⁶ Cf. B. HUME, *Remaking Europe*, London 1994.

⁷ Cf. *Multiculturalism. Examining the Politics of Recognition*, org. A. Gutmann, New Jersey 1994, p. 25.

⁸ Cf. H. LOMBAERTS, E. OSEWSKA, «Historical and Geo-Political reality of a United Europe», in: S. Gatt, H. Lombaerts, E. Osewska, A. Scerri, *Catholic Education, European and Maltese Perspectives. Church School's response to future challenges*, Floriana 2004, p. 27-43.

Hoje, no continente europeu as fronteiras religiosas e espirituais não serão mais identificadas com territórios. A unidade política já não é delimitada pela homogeneidade religiosa. Esta é uma «diferença» perturbadora na história da Europa. Assumidamente, 75% (dos 451 milhões de habitantes da Europa dos 25 Estados-Membros) reclamam-se de cristãos (comparados com 85% na Europa Ocidental em 1981); então a pertença religiosa distribui-se mais ou menos assim: 55% de católicos (um efeito da filiação da Polónia), protestantes 15% (29% em 1981), 5% de anglicanos, 3% de cristãos ortodoxos, além de 2,5% de muçulmanos, 0,5% de judeus e 19% (de acordo com outras fontes também 25%) que se descrevem como «pertencentes a nenhuma religião» (13% em 1981)⁹.

Se se considerar o exercício da religião, a situação é ainda mais diferenciada: na França, onde 61,5% da população se descrevem como católicos, apenas 7,6% praticam a sua religião (60,4% nunca participam num serviço de culto), na Irlanda 56,9%, na Itália 40,6%, na Espanha 25,5%, no Reino Unido 14,4%, na Alemanha 13,6% e na Dinamarca apenas 2,7%¹⁰.

2. As ambições da União Europeia

A União Europeia atribui à cultura e à formação cultural uma enorme importância. Os governos europeus pretendem promover as artes, o diálogo intercultural, o conhecimento da história e do património cultural e dos idiomas¹¹.

Desde que em 1992, no Tratado da União Europeia, foi criada a Cooperação no Sector Cultural, esta tornou-se uma nova competência comunitária. Neste contexto, era objectivo declarado do programa de sete anos *Cultura 2000* (2000-2006), incentivar a criatividade e a mobilidade dos artistas, o acesso do público à cultura, a difusão da arte e da cultura, o diálogo intercultural, e a expansão do conhecimento da história e do legado cultural dos povos europeus. O seu objectivo geral era criar um espaço cultural comum, no qual pudesse realizar-se o intercâmbio de pessoas, mantendo a sua diversidade nacional e regional.

O Tratado da União Europeia (artigo 151) exige que a União também ajude a atender às características da cultura na formulação e implementação das suas políticas:

⁹ Cf. J.-P. WILLAIME, *Europe et Religions. Les Enjeux du XXI^e Siècle*, Paris 2004, p. 15-72.

¹⁰ Cf. J.-P. WILLAIME, op. cit., p. 15-72; L. HALMAN, D. VEERLE, «How Seculare is Europe?», *British Journal of Sociology* 57 (2006) nr 2, p. 263-288.

¹¹ Cf. EUROPEAN COMMISSION, «Culture», http://ec.europa.eu/culture/index_en.htm (18.05.2011).

- Regulamentos: A formulação das leis da comunidade (por exemplo, a lei sobre os meios audiovisuais, os direitos autorais, a liberdade de circulação de artistas e obras, etc.) ou a decisão de respeitar a concorrência (por exemplo, na promoção da indústria cinematográfica, nos preços dos livros, etc.);
- Desenvolvimento nas áreas social, económica e tecnológica: políticas estruturais (Fundo Social, Fundo de Desenvolvimento Regional);
- Política de educação, experimentação, investigação, indústria, etc.;
- Relações externas: promover o diálogo cultural entre a Europa e países terceiros, ajudar os países em desenvolvimento nas infra-estruturas culturais, a fim de consolidar o desenvolvimento de uma política para a preservação da diversidade cultural (OMC).

A UE não afecta directamente a política da educação. No entanto, a UE quer apoiar um programa para a educação e para a educação na escola nos diferentes Estados-Membros. A União Europeia, através da sua política social e educacional, quer contribuir para o desenvolvimento das culturas europeias. Isto inclui a participação activa no campo da educação, da formação e do trabalho com jovens, bem como o desenvolvimento de programas de intercâmbio cultural e uma crescente sensibilização e promoção da diversidade cultural e linguística.

As cerca de quarenta línguas existentes na UE são um elemento fundamental da sua herança e da sua cultura. A UE reconhece vinte e uma línguas oficiais. A aprendizagem de línguas estrangeiras abre a porta para a compreensão das diferentes culturas, e é considerada uma habilitação necessária para os europeus. Portanto, a União promove a preservação do conhecimento e a divulgação das línguas europeias, assim como de línguas de países terceiros com os quais colabora. As línguas são vistas como um importante material de construção para a realização da unidade na Europa, bem como fora de suas fronteiras. Em universidades e já no ensino secundário nas escolas, os professores estimulam os seus alunos a escreverem ensaios ou dissertações numa língua diferente da sua língua materna. Para alguns governos, existem outras considerações para o efeito, promovendo o ensino de algumas matérias numa língua estrangeira. Com esta estratégia podem ser alcançados melhores resultados do que com o ensino das línguas estrangeiras tradicionais.

A realidade cultural da Europa está, naturalmente, intimamente relacionada com o sistema de valores e com o grande número de sistemas de referência simbólica. Qual será a «cultura» europeia no futuro? Pode-se imaginar uma identidade cultural europeia?

A UE não pretende promover de forma directa um certo sistema de hierarquia de valores, que vá além do consenso dentro da sociedade democrática. Todos os projectos educacionais planeados devem ser formuladas de modo que

respeitem a diversidade cultural, ética e ideológica dos cidadãos. Os participantes devem encontrar aplicações no contexto do espaço aberto, onde podem explorar esses aspectos da realidade europeia, no respeito mútuo e no diálogo.

A tensão entre uma orientação «neutra» e pluralista na UE, por um lado, e os interesses de facções ideologicamente orientadas, por outro lado, representa mesmo, no conceito de entidade europeia, uma viragem decisiva. Enquanto no passado – aproximadamente desde a Revolução Francesa – ela estava intrinsecamente ligada ao desenvolvimento de sociedades com influência normativa das tradições religiosas, a estrita separação entre Igreja e Estado introduziu um tipo diferente de consciência social e cultural próxima dos cidadãos.

A estrutura política, para benefício de todos os cidadãos (dos autóctones, bem como dos estrangeiros), é uma instituição secular e deve ser reconhecida como tal, sem nenhuma identificação com um sistema ideológico particular. Ao mesmo tempo, deve garantir que todos os legítimos grupos ou instituições ideológicas possam trabalhar legalmente numa sociedade liberal e aberta. Por isso é que a UE decidiu não incluir nenhuma referência explícita à herança cristã na sua constituição.

No entanto, grande parte da população da Europa continua a identificar-se com uma variedade de sistemas de sentido, com uma hierarquia particular de valores ou de referências simbólicas. Isso ajuda-os a dar sentido à vida e a conseguir manter de pé um ambiente humano e ideológico comum. Como mostra o estudo dos valores europeus, para muitos cidadãos da Europa, apesar do tão propalado secularismo, a orientação cristã da vida e os valores cristãos representam uma característica fundamental da «identidade» europeia¹².

3. A diversidade cultural na Europa e na cultura católica

Hoje, devido a uma visão radicalmente diferente da realidade humana, da sociedade, da cultura e da educação, parece que o requisito básico para que um grupo de pessoas tenha o livre espaço e o direito de obter uma educação correspondente à sua cultura – e de manter de pé um projecto educativo – a partir da ‘autoridade’ da própria fé cristã não mais virá a ser reconhecido.

Será que a cultura «católica» se tornou mais uma referência simbólica, uma utopia e um legado do passado, na forma de uma realidade estética, do que uma ferramenta pragmática, utilitária e eficaz para uma educação concreta e um plano de formação na Europa?

¹² Cf. L. J. FRANCIS, «Empirical Theology ad Hermeneutical Religious Education: A Case Study concerning Adolescent Attitudes toward Abortion», in: H. LOMBAERTS & D. POLLEFEY, *Hermeneutics and Religious Education*, Leuven 2004, p. 355-373.

A questão não é 'como' é que a cultura católica se há-de adaptar às culturas europeias e não-europeias e manter eficazmente o seu trabalho numa Europa moderna. Isto significaria «mais do mesmo». Também significaria que as recentes mudanças que ocorreram na Europa seriam aleatórias e não fundamentais. Neste caso, estar-se-ia a supor que a tradição católica é mais forte do que a sociedade sente, e que ela foi capaz de influenciar fortemente a educação e a formação. Um tal voluntarismo não vê aqui quaisquer restrições para continuar a alcançar os objectivos apostólicos uma vez estabelecidos. A análise e o diagnóstico dos sintomas de uma realidade que não funciona sugere que o bloqueio é mais apertado, que a questão diz mais respeito à radical descontinuidade. Aparentemente, as culturas europeias estão mais orientadas para uma mudança fundamental.

As escolas católicas têm dado uma contribuição notável para o desenvolvimento da escola moderna. O que vemos hoje é um dos resultados de uma história de sucesso. Graças à evolução ao longo dos últimos séculos estamos um pouco chegados ao fim, a um bom termo. A «cultura» de educação e trabalho, segundo a tradição católica, funciona menos como um modelo pragmático de trabalho e mais como um estímulo e inspiração para encontrar novos espaços e outras redes para trabalhar em conjunto, para servir o bem-estar da próxima geração, especialmente daqueles cujas vidas, devido à privação económica, social, cultural e espiritual, estão em perigo. As mudanças nas culturas europeias são essencialmente um desafio para a cultura católica. Uma redesenhada cultura católica pode manter os aspectos da orientação cultural contemporânea na suposição de que o contributo da educação e da formação relativamente à situação actual depende da sua relevância qualitativa.

4. As escolas católicas e da sociedade

Será que está a ser sobrevalorizada ideologicamente a ideia de que as escolas podem exercer forte influência sobre a sociedade e mudar a orientação da mesma? Especialmente os líderes e funcionários das escolas confessionais estão muitas vezes convencidos de que elas exercem uma influência duradoura sobre a prática de toda a família escolar e de que podem motivar os jovens a viverem de acordo com a mesma convicção e o mesmo sentido de missão. Resulta daí logicamente o significado de uma teoria educacional que mantém as escolas livres de influências externas e que quer moldar os alunos por uma forte identificação com as crenças e valores com que se comprometeram oficialmente. Na verdade, porém, pode ser observado o processo oposto. Uma sociedade em mutação afecta a orientação das suas instituições educacionais. Numa sociedade estável e controlada as escolas assumem uma disciplina linear, baseada na estrita autoridade. Uma sociedade aberta, pluralista, multicultural e multirreligiosa,

abre as possibilidades de acesso a outras informações e recursos. Aqui, as escolas têm de lidar com a influência directa de outros representantes da sociedade, oferecendo formas alternativas de informação e modelos de acção¹³. O seu «currículo» é inspirado por teorias pós-modernas, em particular pela lógica do consumismo e da promessa sedutora de uma gratificação imediata. A responsabilidade da escola é passar de um espaço que é reservado exclusivamente à aprendizagem, para a interacção aberta com a sua sociedade diversificada e pluralista. Os professores procuram ensinar os diferentes recursos e integrar o que os estudantes aprenderam em outros lugares. Deve ser sua preocupação principal trabalhar integradamente os «curricula» formais e os não formais, em particular os ocultos¹⁴.

As escolas estão situadas na confluência de influências diversas. Os professores já não podem concentrar-se exclusivamente na sua matéria. Têm de levar também em consideração o que está disponível no mercado, o que é exigido pela sociedade, o que na sociedade está a mudar e o que é fornecido pelo Ministério da Educação, pela autoridade administrativa local, pelas associações de pais, etc.¹⁵.

Se as condições locais não são cuidadosamente examinadas, isso pode levar a situações ambíguas e propensas a conflitos que causam embaraço a professores, adolescentes e pais¹⁶. Ao compararmos a Igreja ou as escolas católicas com a paróquia podem ser observados dois processos semelhantes. Independentemente da sua orientação pessoal de vida, hoje as pessoas aprendem as mudanças na sociedade. Elas adaptam-se às novas circunstâncias, reagem aos desafios e tentam encontrar um equilíbrio entre sua vida pessoal e as obrigações sociais. Em conexão com a Igreja ou as escolas

¹³ Cf. H. LOMBAERTS, «ICT jako główne wsparcie globalnego świata i globalnego środowiska edukacyjnego», in: *Między tradycją a współczesnością*, org. A. Bałoniak, J. Szpet, Poznań 2008, p. 73-90; H. LOMBAERTS, «Komunikacja wiary dzisiaj», in: *Komunikacja wiary w Trzecim Tysiącleciu*, org. S. Dziekoński, Olecko 2000, p. 25-39; E. OSEWSKA, «Modele komunikacji interpersonalnej i ich znaczenie dla katechezy», in: *Wybrane zagadnienia z katechetyki*, org. J. Stala, Tarnów 2003, p. 111-139; P. WALLACE, *Psychologia Internetu*, Poznań 2001.

¹⁴ Cf. M. FLYNN, *The Effectiveness of Catholic Schools*, Homebush 1985; M. FLYNN, *The Culture of Catholic Schools*, Homebush 1993; M. WARREN, *Faith, Culture, and the Worshipping Community*, New York 1989; H. LOMBAERTS, E. OSEWSKA, «Young People in the World Today. The Hope for Tomorrow», in: S. GATT, H. LOMBAERTS, E. OSEWSKA, A. SCERRI, *Catholic Education, European and Maltese Perspectives. Church School's response to future challenges*, Floriana 2004, p. 89-103; E. OSEWSKA, *Edukacja religijna w szkole katolickiej w Anglii i Walii w świetle „Living and Sharing Our Faith. A National Project of Catechesis and Religious Education”*, Tarnów 2008, p. 197-288.

¹⁵ Cf. A. HARGREAVES, *Changing Teachers, Changing Times. Teachers' Work and Culture in the Postmodern Age*, London 1995, p. 3-21.

¹⁶ Cf. R. GILL, *Moral Leadership in a Postmodern Age*, Edinburgh 1997; Z. MELOSİK, «Edukacja i przemiany kultury współczesnej», in: *Alternatywy myślenia o/dla edukacji*, org. Z. Kwieciński, Warszawa 2000, p. 171-185.

católicas os próprios católicos esforçam-se por se colocarem realmente como «católicos». Eles avaliam como é que a sua própria posição religiosa deve olhar em relação às instituições confessionais. Aqui, os aspectos sociais da educação colocam-se em primeiro plano. Podemos distinguir entre a sua convicção pessoal de verdade, por um lado, e a conexão com uma determinada religião, por outro, nas negociações com instituições de ensino¹⁷. Neste último caso, interesses externos ou acidentais desempenham um papel importante. Como para as paróquias, podem as pessoas reconsiderar qual a posição que querem assumir no contexto de uma comunidade de crentes. Existe então uma maior probabilidade de os católicos regressarem à componente dos fiéis. Hoje a sociedade exige que os «crentes» repensem mais uma vez a sua verdadeira motivação, porque é que eles querem ficar numa comunidade. Confrontados com a crítica externa, eles são obrigados a dar razões intrínsecas. Na verdade, o principal objectivo do Concílio Vaticano II era – e é ainda hoje – incentivar as pessoas a justificarem as suas crenças cristãs com a sua motivação e pondo o foco na essência de uma atitude de fé que justifica a sua vida¹⁸.

5. À procura de um novo papel para a escola católica numa Europa multicultural e multirreligiosa

A Europa é um mosaico complicado com antigas e novas linhas divisórias naturais, políticas, linguísticas e religiosas, que estabelecem fronteiras na população. Na Idade Média, viveram 80 milhões de pessoas em 200 Estados, candidatos a Estados, áreas feudais e organizações estatais. Os países europeus modernos são, em muitos casos, a combinação destes Estados rudimentares, onde há pouca coesão cultural (veja-se a recente guerra civil na Bósnia, Croácia e

¹⁷ Cf. G. Grace, *Catholic Schools and the Common Good: what this means in educational practice*, London 2000; G. Grace, *Catholic Schools: mission, markets and morality*, London 2002; G. Grace, «Realising the mission: Catholic approaches to school effectiveness», in: *School Effectiveness for Whom? Challenges to the school effectiveness and school improvement movements*, org. R. Slee, G. Weiner, S. Tomlinson, London 1998; G. Grace, *School Leadership: beyond education management*, London 1995; R. H. Green, *Church Schools: a matter of opinion*, London 1982; M. Hickman, *Religion, Class and Identity: the state, the Catholic Church and the education of the Irish in Britain*, Aldershot 1995; T. H. McLaughlin, «The Distinctiveness of Catholic Education», in: *The Contemporary Catholic School: context, identity and diversity*, org. T. H. McLaughlin, J. O’Keefe, B. O’Keefe, London 1997, p. 136-154.

¹⁸ Cf. Ch. JAMISON, D. LUNDY, L. POOLE, *To Live is to Change, A way of reading Vatican II*, Chelmsford 1990; M. GREY, R. ZIPFEL, *From Barriers to Community*, London 1991; P. LYNCH, *Awakening the Giant. Evangelism and the Catholic Church*, London 1990; E. OSEWSKA, «A peregrinação a Czestochowa. Lugar de educação na fé», *Pastoral Catequética* 4 (2008) Nr 10, p. 11-29.

Sérvia). A Europa manifesta, portanto, uma extraordinária diversidade cultural, o que mais torna a UE um sucesso-surpresa¹⁹.

Identificação é essencialmente um sentimento de pertença e uma expressão de auto-consciência: a sensação de conexão, um alto grau de solidariedade, de raízes comuns (orgulho nacional), memórias e experiências semelhantes, linguagem comum, cultura e destino comum. A rede cultural na Europa é complexa e altamente diferenciada. Os europeus integraram essa diversidade e relacionaram-se com culturas específicas e entidades sociais. Da mesma forma, a rede religiosa está intimamente ligada à formação cultural, histórica e política do continente. Uma delas associa os «judeus», os «protestantes», os «católicos», etc., com todo um grupo de características estereotipadas e com suas imagens e preconceitos colectivos. De um modo geral, os europeus identificam-se com os valores originais e com a moral cristã; no entanto, eles distanciam-se do mundo muçulmano e mesmo das tradições dos católicos ortodoxos. Muçulmanos e cristãos ortodoxos são considerados «outsiders» que não pertencem nem ao território geográfico nem ao cultural da Europa. A adesão da Turquia à UE iria incluir, entre outras coisas, um reconhecimento formal do Islão como uma religião europeia²⁰.

Que, na Europa, tradições diferentes sejam justapostas, é tão típico para o aspecto «multi», para o pluralismo nas religiões e identidades culturais, como se as pessoas não fossem misturas de diferentes culturas, nacionalidades e religiões. Todas elas têm suas próprias estruturas sociais, culturais e religiosas e concentram-se em primeiro lugar no esforço por manterem a estabilidade social, a coesão, a unidade e a solidariedade, mas também por traçarem fronteiras rígidas. As relações entre as diferentes comunidades culturais e religiosas podem ser amigáveis, tolerantes, intolerantes, ou até mesmo agressivas. O equilíbrio social, cultural e religioso é repetidamente destruído e de novo reconstruído. No entanto, em geral, a principal divisão da Europa no plano cultural, religioso e político permanece em grande parte estável. Nesta situação, trata-se menos de estimular a interacção e o diálogo entre as diferentes entidades de uma sociedade multicultural e multirreligiosa. Antes, parece ter mais sentido, no quadro da interacção e da coexistência, manter as fronteiras e a coexistência como o melhor *modus vivendi* possível para a vida em comum na Europa. Apesar de sua diversificação interna, o continente representa uma realidade europeia homogénea²¹.

¹⁹ Cf. H. LOMBAERTS, E. OSEWSKA, «Historical and Geo-Political Reality of a United Europe», in: S. Gatt, H. Lombaerts, E. Osewska, A. Scerri, *Catholic Education. European and Maltese Perspectives. Church School's Response to Future Challenges*, Floriana 2004, p. 27-43.

²⁰ Cf. G. DAVIE, *Europe: The Exceptional Case. Parameters of Faith in the Modern World*, London 2002.

²¹ Cf. L. HALMAN, *The European Values Study: A Third Wave*, Tilburg 2001; L. HALMAN, R. LUIJKX, M. VAN ZUNDERT, *Atlas of European Values. European Values Study*, Tilburg 2005.

Hoje, a tensão entre igualdade e diversidade atravessa todos os sectores da sociedade europeia. Duas questões surgem aqui: Quem medeia essas relações e que tipo de tolerância deve ser estabelecida? Ambas as áreas de tensão – entre homogeneidade e heterogeneidade, mas também entre tolerância e intolerância – são influenciadas por circunstâncias históricas e do mesmo modo por aquilo que as pessoas reconhecem ou estão dispostas a admitir. Há, por exemplo, em todos os países, com excepção da Turquia, uma diferença notável entre o princípio e a situação da tolerância. Sem dúvida, poderiam, apesar de tudo, ser aduzidas, na história da Europa, abertura e tolerância entre as diferentes nações e povos, apesar das guerras implacáveis e violentos conflitos.

Mas se os não-europeus forem considerados «outros» no território, se as fronteiras forem suavizadas devido à criação da UE, então as diferenças em relação a outras culturas e tradições religiosas tornam-se mais perceptíveis e mais problemáticas. A tradicional homogeneidade europeia fica abalada. Os europeus têm agora de lidar com outro tipo de heterogeneidade: com uma cultura radicalmente diferente e com ideias completamente diferentes sobre o universo cultural e religioso. A preservação da entidade europeia é considerada uma questão central no contexto da globalização e é ainda mais crucial. Pois há um conflito entre a preocupação de preservar, de um lado, as fronteiras culturais e políticas, enquanto no outro lado surgem redes incontroláveis e informais para a comunicação universal e de consumo, que são independentes dos *backgrounds* culturais, nacionais, políticos e religiosos²².

6. Orientações para a educação católica em vista de uma Europa unida

Depois da análise pormenorizada da combinação do mosaico europeu, devemos tentar a seguir esclarecer os desafios para a missão educativa das escolas católicas. O pluralismo cultural, étnico e religioso postula que a Igreja reafirme esta sua missão. Além disso, ela é encorajada a promover uma vida verdadeiramente cristã e comunidades apostólicas equipadas para a sua própria contribuição positiva no sentido da cooperação para a construção de uma sociedade secular. Isto leva a Igreja a mobilizar os seus recursos para a educação e formação²³ e para enfrentar os seguintes desafios:

²² Cf. R. ROBERTSON, «Glocalization, Time-Space and Homogeneity-Heterogeneity», in: *Global Modernities*, org. M. Featherstone, S. Lash, R. Robertson, London 1997, p. 25-44; Z. BAUMAN, «Searching for a Centre that Holds», in: *Global Modernities*, org. M. Featherstone, S. Lash, R. Robertson, London 1997, p. 140-154.

²³ Cf. THE SACRED CONGREGATION FOR CATHOLIC EDUCATION, *Catholic School*; Vatican 1977; http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_19770319_catholic-school_en.html (18.05.2011); CONGREGATION FOR CATHOLIC EDUCATION,

- Apoiar o desenvolvimento das pessoas para que elas ajam de forma responsável e de dentro para fora e sejam capazes de escolher livremente de acordo com suas crenças;
- Prestar assistência, de forma que sejam reconhecidos valores objectivos, porém de forma a que a integração da fé e da cultura não fique terminada, antes leve os alunos a uma integração pessoal de fé e de vida, se ocorrer uma finalidade apostólica;
- Promover a compreensão mútua entre os povos da Europa:
 - a) a auto-compreensão de cada nação com sua própria história, de modo a perceber mais claramente a influência de uma secularização progressiva e do gradual desenvolvimento de uma sociedade neoliberal;
 - b) a compreensão mútua, como pessoas de diferentes países, que dificilmente podem imaginar o que se passa em outras culturas, com pessoas pertencentes a outro grupo étnico ou religioso.
- Educar e formar no espírito da democracia, principalmente através da educação escolar e dos diferentes processos de socialização;
- Introduzir relações interculturais e meios para ajudar a lidar com as barreiras psicológicas.
- Desenvolver a responsabilidade crítica. Dado que uma sociedade democrática é uma sociedade em movimento permanente, a diversidade de ideias, iniciativas e interações exige que se sigam os desenvolvimentos imprevistos e resistentes a uma análise crítica;
- Integrar visões da vida e religiões num contexto secular²⁴.

O Concílio Vaticano II ofereceu uma oportunidade desafiadora para explorar uma consciência crítica e, por outro lado, para dar respostas criativas ao convite do Evangelho. Ao mesmo tempo inscreve o diálogo aberto e a oração em comum com outras comunidades religiosas na agenda para uma nova ordem no mundo com base numa nova concepção da dimensão transcendente da vida. Esta transição exige uma abordagem integrada no contexto da educação. A emancipação através da educação formal, a aprendizagem ao longo da vida e a experiência prática de um *ethos* democrático exige aos fiéis várias competências para que possam viver o seu compromisso de uma maneira que faça no mundo moderno uma diferença profética.

The Catholic School on the Threshold of the Third Millennium, Vatican 1997, http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_27041998_school2000_en.html (18.05.2011).

²⁴ Cf. H. LOMBAERTS, E. OSEWSKA, «Historical and Geo-Political Reality of a United Europe», in: S. Gatt, H. Lombaerts, E. Osewska, A. Scerri, *Catholic Education. European and Maltese Perspectives. Church School's Response to Future Challenges*, Floriana 2004, p. 33-43.